Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

JOGO DRAMÁTICO E TEATRAL: UMA ABORDAGEM SOBRE REPRESENTAÇÕES LÚDICAS NO ENSINO MÉDIO

Autor: Silas Ferreira[1]
Orientadora Me. : Ludmila de Almeida Castanheira[2]

RESUMO

O presente trabalho originou-se de uma experiência que visa à utilização de oficinas didáticas especialmente elaboradas com o intuito de amenizar as dificuldades no ensino-aprendizagem por meio do jogo dramático e teatral. Foi aplicado no 3º ano do Ensino Médio no primeiro semestre no Colégio Estadual de Iporã em 2014 como proposta de intervenção do PDE. A estratégia metodológica se deu mediante as oficinas escolhidas para que fossem aplicadas com as técnicas de Boal (1991;2008). Elaborou-se uma sequência de jogos e técnicas, direcionadas ao aluno levando-o a uma ação e reflexão, sensibilizando-o a participar do jogo. Pretendeu-se facilitar a construção do conhecimento e relacioná-lo ao entendimento do jogo social presentes nos dispositivos dramáticos e teatrais do seu dia-a-dia. Os resultados mostraram que houve uma maior interação, participação e reflexão por parte dos alunos, com produções de cenas construídas a partir dos dados observados no processo de cada oficina. Concluímos que quando há uma proposta didático-pedagógica que integra conteúdos normativos e pragmáticos os resultados são produtivos e os aprendizes apresentaram um melhor desempenho cognitivo e discursivo.

Palavras-chave: Jogo, Teatro, Educação.

1. INTRODUÇÃO

Após anos ministrando conteúdos de teatro e na tentativa de fazer com que os alunos aprendessem a representar situações do cotidiano, sentimos a necessidade de mudanças em nossa prática pedagógica. Fez-se evidente a importância de trabalhar com os alunos, conteúdos que os auxiliassem não somente no seu corpo como também na forma de interagir consigo mesmo e com os demais

---

[1]Professor de Arte- Ensino Médio- Colégio Estadual de Iporã- pós-graduação em Metodologia do Ensino de Arte- IBPEX –Curitiba-Pr- profsilas@hotmail.com - Integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná (PDE 2013).
[2] Doutoranda em Artes da Cena pela Unicamp, professora colaboradora do curso de Licenciatura em Artes Cênicas e orientadora do PDE da Universidade Estadual de Maringá – PR.

em sala de aula. Em decorrência dessas alterações, utilizamos Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991) e sua metodologia em lidar com a representação do jogo social na educação. Assim, o professor do ensino médio terá uma ferramenta didática para trabalhar com a irreverência, questionamentos constantes, com a rebeldia e a insegurança dos alunos. A manifestação dramática progressivamente elabora situações lúdicas de mundo para professores e alunos compartilharem experiências entre ambos, oportunizando diferentes modos de pensar, saber e agir de acordo com as suas necessidades.

Diante disso, propomos desenvolver uma metodologia criativa para o esclarecimento do envolvimento com a teoria e prática teatral, além de proporcionar ao aluno o espírito de cidadão preocupado com o futuro da sociedade, principalmente com as mudanças socioculturais que vêm ocorrendo nos últimos anos. Por exemplo: a ausência de ética, limites, regras, que refletem no comportamento social. Na escola os conteúdos básicos do Teatro no ensino médio são trabalhados como arte da representação e propõe ao aluno outra realidade na sua compreensão da prática social.

O teatro empreende transformações psicológicas intensas, radicais e o comportamento muda, as atitudes são surpreendentes e os relacionamentos interpessoais se ampliam, pois muitos apresentam timidez, empatias, entre outros fatores.

Neste contexto, afirma Boal (1991, pág. 10) as formas teatrais não se desenvolvem de maneira autônoma, antes respondem sempre a necessidades sociais bem determinadas e a momentos precisos.

Diante a isso, as situações que os alunos mais enfrentam são as necessidades de interagirem, pois estas nascem de interesses da representação do conjunto social nem sempre compreendidos por eles. Dessa maneira, neste artigo propomos um estudo sobre o jogo e suas técnicas sociais, que contribuem para a aprendizagem de cada aluno.

Portanto, o objetivo desta proposta é apresentar o Teatro do Oprimido como uma formação pessoal do aluno, para que se aproprie de estratégias, conteúdos, técnicas, mediante ao jogo dramático e teatral na compreensão de seus conflitos, representações, socializações na aprendizagem educacional. O Teatro do Oprimido abre possibilidades de refletir a respeito da ética, da moral, da cidadania e da vida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 JOGO DRAMÁTICO E TEATRAL

O jogo dramático e teatral aborda as representações lúdicas, por fazer parte das brincadeiras simbólicas da educação popular.

> [...] a palavra "jogo" com a expressão lúdica, faz parte de nossa vida e aprendemos a jogar desde cedo, seja bolinha de gude, futebol, jogos eletrônicos, brincadeiras de faz-de-conta ou representações do cotidiano. [...] buscando conhecer mais um pouco do jogo, descobrimos que é uma palavra que vem do latim "***jocus***" e quer dizer, entre outros significados, atividades mentais organizadas por um sistema de regras, passatempo, brinquedos, divertimento (PARANÁ, 2006, p.174).

Nesse sentido, o sistema metodológico estabelecido em jogar pode vir como ferramenta de auxílio didático para aplicações de atividades propostas, servindo em sua experimentação, estímulo ao conhecimento teórico-prático.

No livro didático público de arte (2006), os autores questionam a apropriação do jogo; para Huinzinga (1996) e Caillois (1990) é "uma atividade livre e desobrigada das regras sociais. Os jogadores, crianças, adultos, jogam por jogar, ou seja, pelo prazer que encontram na prática lúdica".

A reflexão empreendida pelos autores, o jogo também é uma organização de trabalho em grupo, de envolvimento e da liberdade para a experimentação. O jogo pode proporcionar métodos desafiadores, interdisciplinares e estimular o nosso raciocínio e ainda nos ensinar a lidar com o corpo, com nossas sensações e emoções.

Em vista disso, tanto o jogo quanto o conhecimento têm em comum alguns aspectos como: o fato de obedecerem a regras e a possibilidade de poder reconstruí-las, além de desenvolver sentimentos sobre representações lúdicas.

É interessante destacar o jogo como um conhecimento artístico que tem como características o trabalho. A arte é criação, qualidade distintiva fundamental da dimensão artística, pois criar "é fazer algo inédito, novo e singular, que expressa o sujeito criador e simultaneamente, transcende-o, pois o objeto criado é portador de conteúdo social e histórico e como objeto concreto é uma nova realidade social"

(Peixoto, 2003, p. 39).

A dimensão artística ou o jogo pode contribuir significativamente para a humanização dos sentidos, ou seja, para a superação da condição de alienação e repressão à qual os sentidos humanos foram submetidos.

Neste contexto, Koudela (2001, p.43), diz [...] “à medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade”, o indivíduo “se transforma em um jogador criativo”.

Dessa forma, um jogador criativo que se envolve com o ponto de concentração, trabalha para si, aceita as regras do jogo para solucionar o problema e manter viva a realidade estabelecida em qualquer situação de aprendizagem.

Desse modo, o jogo dramático teatral permite ao aluno libertar-se da preocupação e ampliar sua visão de mundo, sob a perspectiva de que o foco é inerente ao homem em seu processo de humanização.

O caráter social do jogo baseia-se em problemas a serem solucionados, que são o próprio objeto de estudo da representação. Para Koudela (2001, p. 43) “As regras do jogo incluem a estrutura (onde, quem, o que) e o objeto (foco) mais o acordo de grupo”.

A autora ainda esclarece a diferença entre jogo dramático e o jogo teatral, referente ao pensamento de Spolin (1979):

> Como o adulto, a criança gasta muitas horas do dia fazendo jogo dramático subjetivo. Ao passo que a versão adulta consiste usualmente em contar estórias, devaneios, tecer considerações, identificar-se com os personagens da TV etc., a criança tem, além destes, o faz-de-conta onde dramatiza personagens e fatos de sua experiência, desde cowboys até pais e professores. Ao separar o jogo dramático da realidade teatral e, num segundo momento, fundindo o jogo com a realidade do teatro, o jovem ator aprende a diferença entre fingimento (ilusão) e realidade, no reino do seu próprio mundo. Contudo, essa separação não está implícita no jogo dramático. O jogo dramático e o mundo real frequentemente são confusos para o jovem e - ai de nós – para muitos adultos também. (SPOLIN apud KOUDELA, 2001, p. 43-44).

Essa atenção dirigida pela diferença de interpretação fica concentrada na pessoa, no objeto e dentro de sua realidade, que nesta mesma perspectiva ainda, segundo Koudela (2001):

> O “processo de jogos teatrais visa efetivar a passagem do jogo dramático (subjetivo) para a realidade objetiva do palco”. Entende-se, portanto, que o jogo teatral é um processo que tem por objetivo gerar uma nova realidade. A autora conta que para Spolin a criança, dos sete/oito anos de idade em

> diante, já conta com capacidades que lhes permitem expressar-se através da linguagem artística do teatro. Desta forma, a transição entre o jogo dramático infantil (ou jogo de faz-de-conta) para o jogo teatral é comparável à transformação do jogo simbólico (subjetivo) no jogo de regras (socializado)" (KOUDELA, 2001, p. 44).

Esse processo do jogo aceito pelo grupo e limitado por regras busca a solução do problema de atuação, ou seja, é realizado um esforço para se atingir o estado subjetivo e socializado de transformação. Estas representações lúdicas no sistema de brincadeiras simbólicas permitem a possibilidade de se trabalhar com o significado do jogo e eleva o nível de concentração, que por sua vez, garante o envolvimento do aluno.

Desta forma, a função que o jogo cumpre pode ser entendida como uma estratégia para se atingir objetivos específicos para a vida adulta.

Sobre essas experiências subjetivas e reais como experiência criativa, Spolin (1979, p.03) escreve que: "todas as pessoas são capazes de atuar no palco. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco". Assim, é possível que os alunos se envolvam ativamente nas atividades propostas, uma vez que se envolvam ativamente, tornam-se atuantes e principalmente expectadores críticos.

Portanto, não há como deixar de notar a semelhança entre o espectador crítico desejado pela pedagogia histórico-crítica e os participantes do jogo teatral e dramático, ainda mais quando se pensa em explorá-los por meio de método didático que envolve a prática social. Nesse caso, é preciso destacar que, tendo como ponto de partida a realidade social em um sentido amplo, o alcance da ação pedagógica vai além do espaço da sala de aula ou de uma escola específica, o que está em completa consonância com o método que incorpora a teoria dialética do conhecimento.

Cada fase do jogo está interligada às demais, o professor mediador precisa compreender como o aluno aprende, e quais são os processos mentais que envolvem o domínio do conhecimento. Dessa forma, para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive por meio do jogo é necessário que haja pesquisas e experiências artísticas, como meio de conhecimento estético para a fonte de humanização.

Essa relação entre o homem e o jogo ao longo da história com suas influências sociais contextualiza uma abordagem metodológica para o trabalho que

se encontra no estudo desenvolvido pelo Teatro do Oprimido.

Assim sendo, o enfrentamento da indisciplina se constitui em um “conflito” a ser solucionado dentro da sala de aula, que tanto o jogo dramático ou teatral necessariamente ~~se~~ desenvolve em situações de teatralidade ligadas à investigação psicológica. Enquanto jogar de maneira lúdica, contínua e sistemática, o aluno estará reintegrando o seu pensamento criador, na intencionalidade do trabalho, da disciplina, do respeito, do prazer e adquirindo conhecimento mais diretamente ligado à sua formação social.

Portanto, tanto o jogo dramático quanto o conhecimento teatral têm em comum alguns aspectos: o fato de obedecerem a regras; a possibilidade de investigar temas sociais e reconstruí-los; desenvolver sentimentos pessoais nas representações lúdicas.

2.2 MANIFESTAÇÃO DRAMÁTICA

A manifestação dramática vem da necessidade do homem em representar o que está à sua volta, o que, entre outras coisas, configura as primeiras interações sociais. A palavra “drama” encontra significado em várias línguas, mas, de certa forma, em todas elas está presente a relação com a abordagem pedagógica. Diante destas atribuições, percebe-se que o processo didático do professor deverá propor ações com funções sociais. Para Koudela (2010), o teatro é uma abordagem pedagógica, ou seja, a maneira como esse conhecimento se organiza e se relaciona, e em consequência disso, o modo como às pessoas poderão compreender o mundo e atuar nele:

> A transformação do teatro em pedagogia propõe que, através de meios teatrais, é possível estudar e elaborar experiências individuais e históricas que se instauraram nas disposições e atitudes corporais e determinam o comportamento (KOUDELA ,2010, p. 98).

Observa-se que a autora relaciona a troca de experiências por meio do conhecimento e do comportamento social. Isso se ampara na metodologia, nos valores que envolvem a ação humana na sociedade e na escola. É interessante destacar a manifestação dramática como um conhecimento artístico, pois esta tem

como características centrais a subjetividade e o trabalho criador. Neste panorama, podemos destacar que o poder criativo é um grande campo a ser explorada pelos professores e alunos vivenciando as forma livre, autônoma no relacionamento social.

2.3 CRIATIVIDADE

A proposta criativa possibilita ações que contribuem com os diálogos dos alunos na transmissão-assimilação dos conteúdos aplicados. As atividades lúdicas desenvolvidas atendem às necessidades populares por meio do jogo para o envolvimento do jogador criativo. Spolin (1979) afirma:

> O jogo é psicologicamente diferente em grau, mas não em categoria, da atuação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo o dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação (SPOLIN, 1979, p. 05).

Neste sentido, o jogo liga os pontos subjetivos e altera a própria organização ao comportamento coletivo, pois por meio do envolvimento criado pela relação empírica, nasce a liberdade pessoal, a compreensão, a concentração, na medida em que os jogadores aprendem as técnicas, aprimoram suas habilidades pessoais. Neste contexto, Koudela (2001, p.43), diz: [...] “à medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade”, o indivíduo “se transforma em um jogador criativo”.

Para Koudela (2001, p.44) entende que o jogo teatral é um processo que tem por objetivo gerar uma nova realidade. O que está muito de acordo com o convívio social aceito pelo grupo limitado por regras buscando-se a solução do problema de atuação, ou seja, é realizado um esforço para se atingir o resultado daquele jogo teatral.

Portanto, compreende-se a função do jogo como uma estratégia de atingir objetivos específicos para a vida adulta. Essas experiências subjetivas e criativas, a Spolin (1979, p.03) escreve que: Assim, o conhecimento do jogo teatral é possível

em sala de aula pela maneira criativa de interação entre os alunos nas atividades propostas.

2.4 JOGO E A PRÁTICA SOCIAL

A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial (BOAL, 2008, p.09). Assim, a imitação e o jogo é fonte de prazer, divertimento para os alunos e é também fator fundamental para a aprendizagem das diversas funções, reflexões e socializações.

Conforme Currículo Básico da Escola Pública do Paraná (1992), o ser humano produz, então, maneiras de ver e sentir, diferentes ao longo do tempo histórico e em cada sociedade. Todo mundo atua, age, interpreta. Desta forma, a relação entre o homem e o teatro ao longo da história com suas influências sociais contextualiza uma abordagem metodológica para o trabalho com o jogo. Nesta perspectiva, o teatro propõe ações para a vida social por ser uma atividade da vida cotidiana. A construção social da representação surge da realidade física e sensorial que aperfeiçoa o modo de jogar, acrescenta Spolin (1979, p. 342) o jogo define-se por “uma atividade aceita pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; divertimento; espontaneidade, entusiasmo e alegria acompanham os jogos; seguem pares e passos com a experiência teatral”.

Este é um conceito de experiência teatral apropriado individualmente de cada “aluno-ator” e do grupo ao enfrentarem coletivamente os problemas de atuação propostos na prática dos jogos teatrais. Afirma Boal (2008, p. 09) compreende que os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia.

Nesse sentido, a ação pedagógica teórica se revela no processo de aprendizagem do jogo social, do desenvolvimento intelectual, dos aspectos cognitivos, morais, afetivos e estéticos.

2.5 JOGO SOCIAL

O jogo social é um sistema de exercícios, técnicas e ensaios, que afirma Boal, (2008, p. 09). O autor propõe que esse conhecimento sobre os jogos permite exercitar a solução dos problemas no meio escolar, ainda Boal (Op. cit, p. 10) explica que nada deve ser feito com violência ou dor em um exercício ou jogo, pelo contrário, devemos sentir prazer e compreender a nós mesmos. Desta maneira, os jogos auxiliam no enfrentamento da indisciplina que se constitui em um “conflito” a ser solucionado dentro da sala de aula.

A ideia de conhecimento é localizada no tempo, no espaço, na improvisação da atividade, pois, ela é fruto do jogo de expectativa e das práticas. Nessa experimentação, a ludicidade necessita que todos os envolvidos trabalhem de forma decisiva, comprometida no resgate de valores pessoais e de forma preventiva em sala de aula. A fim de proporcionar uma aprendizagem que oportunize a contribuir com a família, sociedade.

A ludicidade apresenta uma estratégia com equilíbrio sutil por meio do jogo e a vida social, para Koudela (2010, p. 125) o jogo de regras constitui a estrutura dos “jogos de construção”, denominada de atividades de criação, que ocupam uma posição intermediária entre o jogo e a elaboração inteligente ou entre o jogo e a imitação.

A didática do jogo funciona pela transformação subjetiva do ser humano e, possivelmente, na transformação objetiva da sociedade, para que o aluno possa adquirir voz exprimindo seus desejos e ideias. Em vista disso, Boal (2008, p.13) completa que se pode também dar o nome de “teatro” às ações repetitivas da vida cotidiana: nós encenamos a peça do café da manhã, a cena de ir para o trabalho, etc.

O conhecimento do jogo aborda as representações lúdicas por fazerem parte das brincadeiras simbólicas da educação popular. Nesse sentido, o sistema metodológico estabelecido em jogar, pode vir como ferramenta de auxílio didático para aplicações de atividades propostas, servindo em sua experimentação, estímulo ao conhecimento teórico-prático.

Nesta ótica, o jogo dramático e teatral pode envolver várias pessoas, gêneros, estilos, sociedades, brincando e jogando, para que seja bem sucedido no saber necessário sobre as funções sociais e os objetivos que envolvem o exercício poético e a liberdade. Nesta vertente, a dimensão artística ou o jogo dramático e teatral pode contribuir significativamente para a humanização dos sentidos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Projeto de Intervenção Pedagógica ocorreu no primeiro semestre de 2014, com alunos do 3º ano A do ensino médio no Colégio Estadual de Iporã, localizado na Avenida Duque de Caxias, do município de Iporã – PR. O colégio atende a alunos em diversas classes sociais, configurada pela pluralidade cultural. As oficinas foram voltadas aos conteúdos do Teatro do Oprimido o qual está inserido nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná. A apresentação da proposta aconteceu de forma objetiva. Percebemos que a turma não tinha uma visão clara do que era o teatro social na escola. As dez oficinas foram trabalhadas individualmente e em grupos envolvendo questões para instigar os alunos durante o desenvolvimento do trabalho. As questões pertinentes e os temas abordados foram divididos desta forma:

Na oficina 01, a apresentação da implementação pedagógica ocorreu com auxílio do recurso de Power Point a todos os alunos juntamente com o material e o objetivo pretendido, visando, com isso, auxiliar na compreensão sobre a teoria e a prática.

Na sequência, apresentamos, por meio de slides, as técnicas do Teatro do Oprimido direcionadas para o desenvolvimento de prática cooperativa, enfatizando participação que os jogos têm nas atitudes cotidianas e que influenciam o processo social, autônomo e participativo.

A partir dos slides houve uma reflexão, na qual, enfocamos que os jogos dramáticos e teatrais respeitam os acordos de liberdade expressando-se ludicamente os assuntos vivenciados pela sociedade e que ajuda na prevenção da indisciplina, violência, uso de drogas e, consequentemente, ajudam no ensino aprendizagem.

Na oficina 02, realizamos uma pesquisa sobre os jogos para atores e não ator de Augusto Boal. A prática iniciou-se com a explanação sobre os jogos do livro ~~e~~ que, de forma natural, propicia o envolvimento, a liberdade pessoal para a experiência educacional, identificando as temáticas necessárias para as ações sociais por meio do próprio ato de jogar.

Em seguida, foi realizada uma leitura em grupo das técnicas do livro de modo que, ao jogar, depois os alunos levantaram alguns questionamentos sobre a técnica e o jogo entre os grupos. Eles também relataram no caderno as informações obtidas

dos outros grupos da sala, levando em consideração a pesquisa e a leitura dos mesmos, arquivando os assuntos para análise e identificação ao longo do processo das oficinas.

Na oficina 03, desenvolvemos uma atividade em grupo para trabalhar o teatro imagem depois das dinâmicas em que todos tentavam representar uma imagem do outro como se fosse um espelho. Em seguida solicitamos que fizessem comentários sobre o tema escolhido em relatório escrito.

Na oficina de número 4, sugerimos aos alunos que formassem um círculo aquecendo as articulações corporais com movimentos circulares e depois retilíneos. Em seguida, foram solicitados a andar pelo espaço. Depois, entregamos aos alunos alguns textos dramáticos com situações do cotidiano (abuso sexual, racismo, alcoolismo, etc.). Os alunos fizeram uma leitura do texto para discutirem os temas, logo em seguida, elaboram uma cena com as personagens do texto. Um grupo de alunos, por exemplo, protestou sobre o lixo na escola.

Na oficina 5, desenvolvemos o Jogo e Teatro-Fórum[3], aplicando técnicas e experimentações de temas sociais e políticos no intuito de que os aluno conseguissem resolver as situações. Ou seja: os grupos deviam apresentar soluções possíveis para a solução do problema representado, cabendo ao espectador fornecer boas respostas sobre o tema, usando a linguagem teatral. Os alunos foram divididos em grupo imitando animais. Em outro momento os assuntos foram abordando os temas sociais ou políticos.

Todos os grupos representaram e debateram sobre os temas expostos, utilizando os elementos teatrais (personagens, expressões corporais, vocais, gestuais e faciais, ação e espaço, etc). Por fim, os grupos registraram suas dificuldades e entendimentos sobre a oficina e a relação com o trabalho em grupo.

Na Oficina 6, trabalhamos o Jogo e Teatro Jornal[4]. Nesta oficina os alunos puderam experimentar o jogo em diferentes maneiras de representação: partindo das notícias do cotidiano, utilizando jornais como referência para as montagens de pequenas encenações, com uma intenção social (pensando em dívidas, discussões,

---

[3] O termo utilizado por Augusto Boal (2008, p. 340), no Teatro do Oprimido, durante uma sessão em que o espectador vitima do mesmo tipo de opressão experimentado pelo personagem, poderá substituir o protagonista-oprimido para tentar novos caminhos ou formas de libertação.

[4] Termo usado para leitura de jornais e discussão dos assuntos políticos e sociais mais importantes da véspera e explicação do seu significado por quem mais entende do assunto. Desmistificação da informação, das noticias publicadas e das que não aparecem nos jornais (Boal, 2008, p.295).

preocupação, etc), e ao mesmo tempo, usando uma palavra representando a opressão ou oprimido.

Na Oficina 7, desenvolvemos o teatro e o Jogo Improvisacional (Onde? Quem? O Quê?) com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre improvisação e seus elementos da linguagem teatral, aplicando exercícios e atividades fundamentais que objetivam a individualidade e a criatividade focando o conceito do jogo para destravar a capacidade do individuo em seu contexto histórico e social.

Os alunos foram levados a refletir sobre algumas questões e andaram pela sala percebendo as superfícies em que estavam pisando: rústicas, macias, quentes, agradáveis, etc. Em seguida, escolheram uma personagem para representar uma profissão. Os alunos arquivaram os acontecimentos que se deram durante a apropriação do conhecimento artístico e estético.

Na Oficina 8 trabalhamos com os Jogos e Exercícios por meio de atividades lúdicas que contribuíram para a formação da coordenação motora dos alunos. Eles andaram pela sala naturalmente com movimentos do corpo em planos alto (corpo esticado), médio (corpo agachado) e baixo (sentado, deitados no chão), sem interagir com os outros. Após, andaram pela sala e, ao encontrar outro aluno, somente olharam os seus colegas sem dar risadas. Cada grupo elaborou uma sequência de movimentos corporais reproduzindo ações que comunicassem uma intenção (grupo de trabalhadores, pesquisadores, estudantes, etc), demonstrando o foco do onde (lugar), quem (personagem) e o que (assunto). Depois dessa ação corporal, os alunos podiam interagir uns com outro grupo, fazendo sons ou ruídos em uma linguagem inventada (resmungar, trava língua, blablação, etc.), formando assim uma cena entre os envolvidos, com as sonoridades exploradas. Por fim, após todos terem se apresentado, os alunos discutiram os pontos que foram importantes na interação sem o uso da palavra e o seu trabalho corporal na representação da personagem que compõem o foco (Onde? Quem? O que?), sempre registrando os recursos envolvidos na oficina.

Na Oficina 9, desenvolvemos os Jogos Dramáticos e Teatrais com objetivo de experimentar e explorar os elementos da linguagem teatral de forma espontânea, aprimorando sua expressão com atividades lúdicas coletivas das oficinas e socializando os conhecimentos em forma de debates.

Iniciamos da seguinte forma: um aluno foi para o centro de um círculo fazer um movimento corporal representando uma imagem e em seguida “congelava”.

Todos puderam participar da atividade. Quando todos estavam na mesma imagem, alguém dava um sinal e todos retomavam ao seu lugar inicial. Em seguida, escolherem uma ação social colocando um problema com solução concreta. Por exemplo: um produto novo a ser lançado no mercado, o que fazer com as garrafas vazias de plástico, e assim por diante. E tentavam achar a solução. Cada grupo representou cenas de uma família com as seguintes características: pai brutal, mãe infeliz filhos assustados, avó caduca, avô avarento e visitas educadas. Pois, segundo relato dos alunos, ao menos algum desses faz parte do cotidiano do aluno. Assim, poderíamos discutir a relação/escola/família/sociedade.

Na oficina 10, intitulada ENSAIO, CONCLUSÃO E APRESENTAÇÃO, propusemos que os alunos recolhessem todos os registros das oficinas anteriores e escolhessem uma das técnicas para que realizarem ensaios e apresentassem aos amigos, familiares, comunidade e para escola, como resultado final do projeto de implementação.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Os resultados obtidos após a aplicação desse projeto de intervenção foram discutidos de acordo com o desenvolvimento de cada unidade.

Na primeira oficina após a apresentação do projeto de implementação houve momentos de questionamentos e debates sobre aspectos positivos e negativos do teatro do oprimido, fazendo com que cada aluno presente refletisse sobre até que ponto as técnicas de Boal contribuíram para o exercício da cidadania, sendo concedido a cada participante, um momento para uma fala.

A seguir, alguns relatos sobre suas experiências.

Aluno 1: “sempre ouvi falar sobre o Teatro do Oprimido, mas nunca dei importância para esse assunto, achava que estava muito distante da nossa realidade e, após a explanação, percebi que os temas sociais abordados estão presentes aqui em nossa cidade, Estado e no Brasil, temos que repensar melhor sobre o método do jogo dramático e teatral na formação pessoal e o que fazer para mudar esse comportamento humano na sociedade”.

Aluno 2: “as propostas de exercícios, jogos e as técnicas mostram a

investigação das ações humanas devido a representação do jogo na sociedade, mas na minha visão isso era apenas ficção nunca aconteceria, mas diante das técnicas dramáticas e teatrais que por meio deste projeto apresenta, começo a perceber que é possível interpretar as situações sociais humanas e a sua realidade diante do teatro do oprimido".

Na segunda oficina, foram estudados os métodos do livro "jogos para atores e não atores" de boal que são parâmetros dos questionamentos das atividades que influenciam nas mudanças temáticas que fizeram nas propostas e pesquisa sobre o comportamento do jogo e suas regras: Sobre esta oficina os alunos refletiram:

Aluno 3: "Como o jogo interfere na mudança de atitudes, regras, limites com seus valores humanitários em condições de resolver as soluções dos problemas promovendo as transformações pessoais e socioculturais do nosso cotidiano".

Aluno 4: "Podemos ver que mediante a esse estudo do método como teatro do oprimido é importante para a vida do ser humano e que o equilíbrio de cada etapa são de suma importância para a educação, acreditamos que o nosso conhecimento sofrerá mudança a partir do jogo dramático e teatral".

Na oficina três foi trabalhada a conscientização corporal por meio de esculturas que comunicassem um pensamento ou opinião de assuntos sociais em forma do teatro imagem, tendo o professor como mediador das composições das atividades de cada grupo, após a coleta de resultados tivemos o debate entre os alunos:

Grupo 1: "Nós produzimos as formas corporais que representassem imagens sociais do nosso cotidiano, utilizando o recurso de opressor e oprimido, levando em consideração a mudança da imagem escultural e suas variações e foi muito impressionante como funciona bem, a variação é visível, foi bem gratificante verificar que funciona mesmo".

Grupo 2: "Nós aproveitamos os temas sociais e elaboramos a massa corporal no sentido de espect-atores, refletindo sobre o olhar daquela obra de arte, a princípio tivemos um pouco de dificuldade na confecção, pois a montagem é bastante delicado, mas conseguimos vencer os obstáculo, e foi nítido ver a opinião dos outros grupos provocada pela observação".

Na oficina quatro os alunos puderam experimentar por meio de cenas dos textos dramáticos, o aprofundamento dos temas sociais abordados de forma invisível ao público observar de como é feito as opiniões a partir daquela situação

momentânea e como ela é debatida em tempo real e que as discussões sofrem variações de opiniões demonstradas na cena.

Aluna 5: “Através deste projeto tivemos a oportunidade de ver situações que mesmos os temas mais simples proporcionados por nós, mostrou que pode ser críticos, preventivos ou sob forma de protestos para determinar a investigação de uma situação cotidiana. E também a importância do teatro do oprimido no caminhar lado a lado do ser humano”.

Nas oficinas cinco, seis, sete, oito e nove, puderam aprofundar os assuntos em diferentes técnicas que Augusto Boal e Viola Spolin desenvolveram, utilizando o método do onde? Quem? O que? Para trabalharem as técnicas (fórum, jornal) mediante as improvisações, jogos, exercícios, que deram suporte para cada oficina.

Grupo 5: “nós compreendemos o teatro do oprimido e sua ludicidade como uma ferramenta que colabora com o papel social da escola”.

Aluno 6: “as técnicas abordadas fazem que todos possam refletirem sobre o papel da sociedade atualmente”.

Aluno 7: “as improvisações, jogos e exercícios contribuem para perder a vergonha de se expor em público”.

Grupo 6: “quando estamos trabalhando em grupo e as técnicas de boal sentimos mais seguros nas atividades propostas”

Grupo 7: “adorei fazer parte desse projeto e finalizar com uma apresentação em grupo, acho que vou tentar essa profissão”.

Aluno 8: “esse projeto deveria ser adotado pela escola, pois, tratam de temas que abordam nossas dúvidas na adolescência”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, os alunos que participaram dos grupos relataram que as oficinas propostas nesta Unidade Didática de Arte pôde proporcionar a compreensão das mudanças comportamentais, por meio de técnicas, metodologias e ferramentas que ajudaram a despertar e ter uma olhar para as situações em seu cotidiano sobre os pontos positivos e negativos na formação educacional para a sociedade.

O presente projeto comprovou a importância de se ter um conhecimento do

Teatro do Oprimido, o uso de suas técnicas e jogos como experimentos na adolescência do ensino médio e bem como a variação das oficinas e atividades significativa em que o aluno referencie teoria e pratica, assimilando os conteúdos abordados em seu cotidiano por meio de leituras, pesquisas, exercícios, improvisações, buscando um cidadão mais crítico, preocupado com o meio que vive.

Observou-se na implementação da Unidade Didática que as atividades teóricas em sala de aula foram consideradas relevantes para a aprendizagem científica. Durante a atividade prática o aluno conseguiu interagir mais com seu professor e colegas de sala. Com essa metodologia o aluno pode elaborar hipóteses e transformar o conhecimento popular em conhecimento científico.

Ensinar e aprender teatro, utilizando a atividade prática foi gratificante e prazeroso, não só para os alunos, mas também para o professor que se sentiu livre para propor roteiros e algumas alterações que permitiram ao aluno elaborar situações corriqueiras, dando as atividades um caráter investigativo.

Foi utilizando os conhecimentos teóricos que se foi possível elaborar hipóteses e maneiras de testá-las, ficando evidente que não existe prática sem teoria e nem teoria sem prática. Embora as oficinas realizadas não envolvessem tecnologias avançadas, a inserção de temas cotidianos durante as aulas permitiu ao aluno uma maior interatividade nas aulas teóricas e práticas.

Com objetivo de desenvolver um trabalho que despertasse o interesse do aluno para a questão teatral, sugerimos tornar o estudo do Teatro do Oprimido mais claro e interativo, saindo dos métodos convencionais utilizados nas aulas.

As atividades que geraram este artigo propiciaram aos alunos uma compreensão do jogo, através de metodologias e ferramentas que despertou um olhar sobre as consequências do comportamento dramático e teatral humano e suas regras e limites impostos pela sociedade atual.

O desenvolvimento desse trabalho em sala de aula destacou o paradigma da complexidade como um desafio da atualidade, num processo que identificou a melhor metodologia de trabalhar na prática pedagógica visando à formação de um indivíduo completo, proporcionando o entendimento que o ensino com pesquisa tem como desafio promover a superação da reprodução do conhecimento para a produção e tem o aluno e o professor como pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o Ator e não-Ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 10ª. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____**Jogos para Atores e não Atores**. 11ª. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____**Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LOPES, J. **Pega Teatro.** Campinas: Papirus, 1989.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica.** Curitiba: SEED-PR, 2008.

_____**Currículo Básico da Escola Pública do Paraná.** Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

_____**LDP: Livro Didático Público de Arte.** :Curitiba: SEED-PR, 2006.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e Grande Público: a distância a ser extinta.** Campinas: Autores Associados, 2003.

SPOLIN Viola. [1963] **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FONTES DA INTERNET

BOAL, Augusto Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw> Acesso em 24 nov.2013

FORMAÇÃO DO TEATRO DO OPRIMIDO: Lições de Cidadania 10/02/2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cGxZ_8yXtTw> Acesso em 24 nov. 2013.

IGUALARTE | Teatro imagem | Aljustrel | 2. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=g3-KTrNGfnA> Acesso em: 24 nov. 2013.

TEATRO INVISÍVEL. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vj_KbHYzIj8> Acesso em 27 nov. 2013.

TEATRO FÓRUM. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_xR5_rhcGqc> Acesso em 27 nov. 2013

TEATRO JORNAL: A TRÁGICA HISTÓRIA DE JULIA Z: Uma História Como Qualquer História 1/3. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B9N0gno642Y> Acesso em: 28 nov. 2013.

TEATRO JORNAL CORPORAL - bio06/1- univag – parte1. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DE9k3o9CfrY> Acesso em: 28 nov. 2013

VIOLA SPOLIN Vida e Obra. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xPHbhKLO_H0> Acesso em 30 nov. 2013.

Improviso teatral. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mzLfJbRUErI> Acesso em 30 nov. 2013.

Oficina jogos teatrais -secom 2011 – ufop. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=WNMjbly1QhQ> Acesso em 30 nov. 2013.

Jogo Teatral - Objetos Ocultos. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3MCws0KGm3w> Acesso em 30 nov. 2013.

EXERCÍCIO DE AQUECIMENTO - Grupo Teatral Saga. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qH3mmnuiGoE> Acesso 30 nov. 2013.

JOGOS E EXERCICIOS TEATRAIS 2011 CAVALO MEREKETE. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PuxURHEOmZg> Acesso em 30 nov. 2013.

JOGOS DRAMÁTICOS - Currículo dos Urubus. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hj804hksiPM> Acesso em 30 nov. 2013.

PROTOCOLO JOGOS TEATRAIS. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eztqOz3Funs> Acesso em 30 nov. 2013.